

«Ficamos sós porque usamos as redes sociais ou usamos as redes sociais porque ficamos sós?»

## **Um falso dilema**

Ana Cruz

Abril 2017

## Índice

Introdução .....	2
1. Redes Sociais e Solidão – Uma visão integrada.....	3
1.1. Construção de identidades nas Redes Sociais .....	3
1.2. Redes no Ciberespaço .....	3
1.3. A busca de reconhecimento do utilizador .....	4
1.4. O carácter paradoxal da solidão .....	4
1.5. Número de Dunbar .....	5
2. Redes Sociais e Solidão – Ignorância das alternativas .....	6
2.1. Papel das Redes Sociais no combate à solidão .....	6
2.2. Redes Sociais como força fomentadora da solidão .....	9
2.3. Redes Sociais: causalidade e finalidade .....	10
2.4. Falso dilema .....	12
Conclusão .....	14
Referências Bibliográficas.....	15

## Introdução

O presente ensaio, para além de refletir sobre as implicações éticas e filosóficas das redes sociais virtuais, faz referência à multiplicidade de estruturas organizacionais existentes nos diversos tipos de aglomerados populacionais, desde os locais aos globais.

Este trabalho tem como ponto de partida os resultados de investigações de autores que estudaram o aparecimento e o comportamento de identidades individuais e coletivas nas redes sociais virtuais. Todavia, por uma questão de precisão conceptual, é pertinente referir também a influência no comportamento humano da incomensurável variedade de outras redes sociais em que o Homem está incluído – familiares, escolares, académicas, laborais, políticas, confessionais, regionais, nacionais, internacionais, entre outras – e não apenas as redes virtuais.

Destacando o pensamento de Merleau-Ponty, para quem o contexto do seu mundo social e histórico, e também o corpo como expressão, podem permitir ao homem procurar

«formas de “investigação livre”, mais do que deixando-se enredar em “verdades adquiridas” (...) e evitando instalar-se no “saber absoluto”»<sup>1</sup>,

abordarei a questão colocada no título, realçando, fundamentadamente, a existência de diferentes explicações para elas, quando enquadradas no seu contexto cultural e civilizacional.

O tema abordado reveste-se de uma enorme importância, pelo facto de a acessibilidade e a facilidade de interação das redes sociais, que, hoje, estão ao alcance material e cultural da generalidade das pessoas, serem ferramentas indispensáveis e omnipresentes na dimensão social do mundo moderno – o único que as gerações mais novas, as futuras gerações de decisores, conhecem. Na complexidade contingente da modernidade, este tema levanta diversas questões. Neste sentido, é fundamental refletir sobre o assunto e analisar as suas implicações, que, num futuro próximo, podem assumir-se, quer como salvação de uma sociedade evoluída, quer como desgraça de uma comunidade fragmentada.

Para que este ensaio não se cinja a uma enumeração académica de citações já conhecidas de ilustres estudiosos, mas sem querer isolá-lo em reflexões de cariz pseudo original, os primeiros capítulos tratarão o tema com algum distanciamento e objetividade, para, posteriormente, passar a uma abordagem mais pessoal. Nesta perspetiva, é apresentada, inicialmente, uma visão integrada dos dois conceitos-chave da questão central – “redes sociais” e “solidão”. Esta primeira parte servirá de base à fundamentação da tese do ensaio: uma dupla negativa que revela o falso dilema da questão “Ficamos sós porque usamos as redes sociais ou usamos as redes sociais porque ficamos sós?”.

---

<sup>1</sup> Merleau-Ponty, Maurice - *Elogio da Filosofia* (1953) - Guimarães, 1993, pp 9-11

## 1. Redes Sociais e Solidão – Uma visão integrada

### 1.1. Construção de identidades nas Redes Sociais

É praticamente impossível contar o número de redes existente numa comunidade ou, sequer, o número nas quais uma pessoa participa, como afirma Rosenau <sup>2</sup>. A maioria das redes configura-se numa amálgama de interseções reais e virtuais efémeras e impercetíveis. Num espaço social, são criadas identidades associadas a sentimentos de pertença, através da frequência quotidiana e empenhada desse espaço, físico ou virtual. A construção de uma “personagem” individual virtual, que se comporta ao mesmo tempo como um ator social, é feita livremente pelo utilizador das redes, através da frequência assídua e dinâmica do seu espaço virtual. Nessa construção, como na de uma personagem real, a repetição de atos da vida quotidiana parece ser a primeira condição da apropriação de um espaço.

Os valores que se revelam durante um processo participativo nas redes sociais são semelhantes aos que surgem no espaço real e exibem-se na frequência regular desses espaços pelos seus utilizadores. De facto, é a referida repetição de gestos simples e de hábitos quotidianos que conduz os participantes de qualquer rede social ao que o sociólogo Pierre Sansot <sup>3</sup> considera ser uma microritualização: fontes de prazer e de sentimentos de pertença fundamentais nos comportamentos afetivos.

### 1.2. Redes no Ciberespaço

Há mais de duas décadas que a interação nas redes do ciberespaço assume um papel preponderante na vida das pessoas, que já criaram uma forte ligação com, entre outros sistemas, os de correio eletrónico, sms, páginas de internet e qualquer tipo de fórum. Estas redes são formadas por pessoas (vértices) e por relações (arestas), estudadas por um ramo específico da matemática – a Teoria dos Grafos. Tal como acontece nas redes sociais físicas, existem associações, complexas e, por vezes, aleatórias, que dinamizam a interação entre os vértices, que, por algum tipo de identidade comum, se relacionaram. No entanto, como observa Rosenau <sup>4</sup>, uma grande proporção dessas ligações não culmina em redes viáveis e duradouras, dada, por exemplo, a frequente ausência de resposta dos utilizadores aos emails que recebem. Assim, não se pode chamar rede a um conjunto de e-mails sem resposta ou de comentários em sites ou em blogs que não tenha consequências/resposta do autor desse domínio. Também não constitui uma rede a série de pedidos online de informação a um organismo que não ofereça um feedback.

A organização do espaço das redes sociais equivale à dos não-lugares. Não corresponde ao conceito que o geógrafo ou o urbanista atribuem a configurações relativamente estáveis que remetem para a noção de “lugar antropológico”, designação que Augé <sup>5</sup> concede aos espaços solidários que enraízam as comunidades e lhes conferem identidades:

«os lugares antropológicos são produtores de social orgânico, enquanto os não-lugares criam uma contratualidade solitária.» <sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> Rosenau, James N. - *As pessoas contam! Indivíduos em rede numa sociedade global* - ed. pedagogo, 2010, p 167

<sup>3</sup> Sansot, Pierre – *Ritualisation de l'espace urbain et de la vie quotidienne à travers le concept d'appropriation*, in Atas do Colóquio de Montpellier «Vie Quotidienne en Milieu Urbain», Paris, Centre de Recherche d'Urbanisme, 1980, p 510

<sup>4</sup> Rosenau, James N. - op. cit., p 171

<sup>5</sup> Augé, Marc - *Não Lugares* (1992) - Bertrand, 1994, pp 49, 61, 87, 121

<sup>6</sup> Augé - op. cit., p 99

### 1.3. A busca de reconhecimento do utilizador

O utilizador de redes sociais procura, fundamentalmente, aparecer e ser reconhecido pelos seus pares, mesmo que prefira recorrer a um pseudónimo ou ao anonimato. Curiosamente, parece conhecer a resposta de Woody Allen à pergunta sobre o segredo do seu sucesso: “aparecer”. Paul Arden também aconselha esta atitude, ao recomendar:

«Se não tiver qualificações ou dinheiro para ir para a universidade, simplesmente apareça.»<sup>7</sup>

Na primeira metade do século XVIII, Bernardo Gomes de Brito publicou a *História trágico-marítima*, que consiste numa compilação de relatos de naufrágios ocorridos nos dois séculos predecessores. Estas aventuras, narradas num tom funesto, que revela a natureza do Homem quando sujeito a condições extremas, vieram alimentar a febre de aventura, desgraça e sofrimento de uma população sofregamente envolvida no tema dos desastres marítimos. Dois séculos mais tarde, em 1979, Hans Blumenberg escreve o ensaio *Naufrágio com espectador*. Com esta obra, o filósofo alemão sublinha a metáfora existencial associada ao naufrágio, que, simbolicamente, representa a vida humana, aspeto de que o ser em viagem (*homo viator*) deveria ter aguda consciência.

À semelhança dessa necessidade de comunhão em relação a acontecimentos de carácter grandioso e dramático, nacionais ou globais, o Homem de hoje entra, sem ter de pedir licença, em qualquer fórum que lhe forneça a emoção da qual parece depender para se confrontar com o mundo do trabalho, da família ou da cidadania. Os conhecimentos adquiridos nos sistemas online dos media e das redes sociais fazem-no sentir-se com o prestígio de estar informado e de se sentir apto a emitir a sua opinião sobre acontecimentos que, de outra forma, não teria possibilidade (nem autoridade) para comentar. Simultaneamente, a possibilidade de anonimato e de subversão total ou parcial da própria vida que as redes sociais oferecem permitem-lhe mostrar ao mundo uma realidade manipulada e selecionada, que lhe confere uma posição social perante os outros membros da rede.

### 1.4. O carácter paradoxal da solidão

A solidão é um marco incontestavelmente presente na sociedade contemporânea, o que a torna, tantas vezes, um objeto de estudo aliciante. Contudo, é imprescindível retirar ao conceito, desde já, a carga negativa que, normalmente, lhe é associada como sendo a única.

Devido à complexidade que reveste o tema da solidão, não devemos cair na pretensão de apreender todas as suas causas e efeitos. Os existencialistas, fiéis ao “espírito do tempo” (*zeitgeist*) dos séculos XIX e XX, acreditavam que a solidão era a essência da humanidade moderna. De acordo com os autores Letitia Peplau e Daniel Perlman,<sup>8</sup> a solidão caracteriza-se pela discrepância entre o nível de comunicação desejado e o nível de contacto social realmente alcançado.

Uma perspetiva positiva da solidão, porém, reconhece as vantagens da capacidade de concentração mental e da meditação para o equilíbrio do Homem, exercícios que lhe permitem resistir, não apenas a uma atividade social manipuladora, mas também a uma obsessiva necessidade de aprovação pela comunidade.

---

<sup>7</sup> Arden, Paul – *Tudo o que pensar, pense ao contrário*, (2006), Clube do Autor, S.A., 2015, p 118

<sup>8</sup> Peplau, Letitia; Perlman, Daniel – *Loneliness: A Sourcebook on Current Research, Research and Therapy*, 1982

Geralmente, é ignorada a dimensão isolada e silenciosa que a comunicação pode assumir quando dela e apenas dela depende o conhecimento que adquirimos de nós próprios. Os desprovidos do atrevimento necessário para se encararem não serão, na verdade, os que mais padecem da solidão? Por outras palavras, é possível que se sinta verdadeiramente só aquele que não tira partido da sua própria companhia: aquele que ainda não se tenha encontrado a si mesmo e que, por isso, procure na comunicação a ilusão de tudo o que poderia ser, desprezando a realidade de tudo o que não é.

### 1.5. Número de Dunbar

As redes sociais, das quais se destaca o Facebook, devido à sua proeminente posição, conduzem a um pensamento curioso: levam-nos a acreditar que o número de interlocutores com os quais interagimos é da ordem das centenas ou até dos milhares. Todos eles, claro está, são considerados amigos.

Mas será possível estabelecer relações pessoais – e não apenas virtuais – com todos?

A aparente vastidão da nossa lista de amizades nas redes sociais é, de facto, uma mera ilusão, desenvolvida num universo virtual especialista em aumentar a realidade que nos rodeia.

Investigações sociobiológicas revelam só sermos capazes de manter relações sociais relativamente estáveis com um determinado número de indivíduos; quando o limite máximo é largamente ultrapassado, como acontece em tantas redes sociais, deixamos de conseguir gerir a relação e de garantir a sua qualidade/viabilidade. De tal maneira, que os algoritmos das redes sociais aproximam (tornam virtualmente mais visíveis) as pessoas com quem mais interagimos e afastam (tornam virtualmente menos visíveis) aquelas com quem interagimos menos, ou nunca.<sup>9</sup> Os trabalhos levados a cabo por Robin Ian MacDonald Dunbar, antropólogo e psicólogo britânico<sup>10</sup>, foram fundamentais para o entendimento desta questão na sociabilidade física. O cientista estudou a relação entre o número de organismos incluídos nos grupos sociais de espécies primatas (como a do Homem – *Homo sapiens sapiens*) e a dimensão do neocórtex cerebral. A função desta parte do cérebro está envolvida no discernimento, dado que controla os instintos e as emoções exageradas.

Dunbar chegou à conclusão de que a generalidade dos humanos não suporta mais de, aproximadamente, 150 relações individuais. Esta hipótese, levantada pelo psicólogo na década de 90, é hoje conhecida como número de Dunbar. Evidentemente, cada pessoa tem uma capacidade cognitiva característica, à qual corresponde uma margem mais ou menos abrangente, que pode variar, teoricamente, entre 100 e 230 relações individuais.

Trata-se de uma limitação biológica que, num estudo mais aprofundado, talvez possa ser relacionada com o passado evolutivo do Homem. Basta comparar a dimensão dos grupos sociais de povos tribais com o tamanho dos grupos sociais de civilizações desenvolvidas. Apesar de francamente mais reduzido, o primeiro grupo é, por certo, igualmente estável em termos sociais.

Esta situação é comum ao mundo empresarial, onde se verifica uma tendência para fragmentar as grandes companhias em unidades cujo número de trabalhadores ronda o número de Dunbar. Ou seja, em grupos sociais mais estáveis e, por isso, mais funcionais.

---

<sup>9</sup> <http://wearesocial.com/br/thought-leadership/como-reagir-a-diminuicao-do-alcance-do-facebook>

<sup>10</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/Robin\\_Dunbar](https://en.wikipedia.org/wiki/Robin_Dunbar)

Desde as multinacionais, que se organizam em pequenos grupos, às grandiosas cidades, divididas em bairros, o número de Dunbar torna-se uma constante em quase todas as dimensões da vida social. Esta restrição das relações sociais permite que nos sintamos acompanhados, o que parece uma antítese. Porém, a estratégia de nos enquadrarmos num universo social compactado poderá ser vista como uma técnica que, para além de ir ao encontro dos padrões biológicos que nos caracterizam, contribui para a edificação de um sentimento de identificação. Identificamo-nos com colegas de trabalho, identificamo-nos com amigos e até nos identificamos com quem não simpatizamos. Mas não nos conseguimos identificar com o que quer que seja se mergulharmos na coletividade de uma megametrópole, por exemplo, ao invés de nos focarmos nas suas individualidades.

Posto isto, independentemente da quantidade de pessoas que nos rodeia, as nossas relações sociais estabelecer-se-ão apenas com uma mínima fração do gigantesco aglomerado de personalidades com as quais nos cruzamos diariamente. Na realidade, o mundo globalizado pela internet não alterou a dimensão da “aldeia” em que consiste o nosso grupo social.

## **2. Redes Sociais e Solidão – Ignorância das alternativas**

### **2.1. Papel das Redes Sociais no combate à solidão**

Inquestionavelmente, o advento da modernidade promoveu relações entre sujeitos ausentes, pelo que modelou, e modela, os locais físicos, através de influências sociais distantes entre si. Podemos, então, considerar que as redes sociais são uma arma bastante eficaz para combater um determinado tipo de solidão: a solidão cultural.

De facto, a democratização do acesso à informação, direito fundamental da Quarta Geração dos Direitos Humanos, instiga – ou possibilita – a familiarização com a diversidade. Como? Em parte, através das redes sociais: diminui-se a distância entre os usuários, promove-se a divulgação do que é novo e diferente. No fundo, estas plataformas facilitam a circulação das várias culturas. Permitem criar laços com pessoas de outras nacionalidades e conhecer outras nações. Aproximam-nos e acompanham-nos.

Se, hoje, as redes sociais ditam as novas regras de habitação e convivialidade, o mesmo não pode ser dito quando falamos das sociedades pré-modernas referidas por Charbonneau<sup>11</sup>. Segundo o filósofo, geógrafo e historiador, as dimensões espaciais da vida social eram dominadas pela presença em atividades localizadas, realizadas pela maior parte da população. Ao invés de um espaço físico e um lugar social que coincidiam, o advento da modernidade arrancou o espaço ao lugar. Fê-lo através da multiplicação de relações entre sujeitos ausentes e de influências sociais distantes entre si, que modelam diferente e constantemente os locais.

Analogamente, podemos considerar o exemplo de um computador, que, durante algum tempo, é perfeitamente operacional sem o transformador. No entanto, a dada altura, a bateria que o alimenta esgota-se e a máquina desliga-se. Também as redes relacionais que caracterizam a sociedade atual não foram feitas para, a longo prazo, funcionar sem um transformador, isto é, sem as redes sociais virtuais que fortaleçam a comunicação. São elas, as redes sociais, que atuam como carregador de bateria e, simultaneamente, como agente inibidor de uma eventual desconexão social.

---

<sup>11</sup> Charbonneau, Bernard – *O Jardim da Babilónia, os campos, as cidades, as regiões o sentimento da natureza na cidade moderna*, Afrontamento, 1990

Na sua ausência, correríamos o risco de viver numa sociedade débil, sujeita aos efeitos extremos que pode ter uma comunidade atomizada. Em vez de convivência e cooperação, passaríamos a ter isolamento e competição. Deste corpo social fracionado emergiriam, então, metas individualizadas, que se assumiriam como emergências isoladas.

E em relação aos idosos?

Impelidas pelo gosto em conviver, hoje, até as pessoas com mais idade usam o email, o whatsapp e os sms. Mas será que ainda vão dar consigo a registar-se numa qualquer rede social?

Sim.

Divertem-se a ver as fotos e os vídeos publicados nas páginas virtuais. Pensam em como é viciante acompanhar o dia-a-dia dos outros. Dos mais discretos aos que lançam “bocas” ou mesmo debates fundamentados sobre trabalho, amizade, sexo, política – sobre o mundo. Seja numa atitude voyeurista ou numa mais participativa, o maior espetáculo para o homem será sempre o próprio homem, como dizia Eça.

Muito se tem falado sobre a presença dos jovens nas redes sociais. Mas que pensar dos mesmos conteúdos no Facebook de adultos que expõem fotos de filhos, carros, viagens, animais, refeições, experiências e até de pensamentos que quase alcançam o sentido da vida?!

Julgo que muitas destas pessoas se “arranjaram”, no sentido que Grondin<sup>12</sup> dá ao termo, com as exigências de tempo e espaço de um Facebook pessoal bem usufruído. Arranjar-se com o Facebook significa que entendem os seus trâmites e estão aptos a utilizá-los. Hoje, os conteúdos dos telefonemas e das conversas de café são semelhantes aos das redes sociais e aos de chats e caixas de comentários dos média e dos blogs. Tagarela-se sobre as mesmas trivialidades e usa-se idêntico desplante para depreciar ou enaltecer os outros e os seus mundos. Nada demais. São os recursos de que o Homem dispõe para usar a sua liberdade de expressão, ainda que de uma forma editada e carregada de frases política e socialmente corretas. Enquadrado pela moldura dos 140 caracteres do Twitter ou por outras especificidades do LinkedIn, do Orkut, do Instagram e de outras redes, o homem ajusta-se às realidades dos mundos que escolhe para viver ou aos modos que inventa para viver os seus mundos.

Do ponto de vista de um jovem, as redes sociais oferecem mais vantagens do que desvantagens. Na verdade, ao ler a pergunta central que abre o tema deste ensaio, parece, à primeira vista, disparatado culpabilizar as redes sociais pela solidão que pode, a qualquer momento, surgir na vida de todos nós.

Quando uma oportunidade de trabalho num país longínquo força a separação de familiares, é o Skype que, fiel e prático, agarra as duas pontas da família. Quando nos lembramos de um amigo com quem não contactávamos há anos, o Facebook rapidamente trata de procurar com os seus complexos algoritmos o conjunto de números que, agora, representa a personagem virtual dessa pessoa. O simples facto de sabermos que, no bolso do casaco, temos um pequeno objeto que, mal nos apeteça, nos sintoniza com o mundo e nos põe pasmados a sorrir para um ecrã dá-nos uma sensação indescritível de conforto e companhia.

---

<sup>12</sup> Grondin, Jean, *Introdução à hermenêutica filosófica*, Unisinos, 1999 (Coleção Focus), p 160



Como pode uma ferramenta destas isolar as pessoas? Nas redes sociais, tudo é feito para todos; não apenas para um punhado de privilegiados.

Negá-lo é arrogante, inútil e até desaconselhável, sob pena de parecermos retrógrados.

As redes sociais são um espaço de partilha. Não de solidão. Um espaço indefinido por onde ecoam vozes denunciadoras de emoções caóticas que insistimos em desvendar e ansiamos que sejam correspondidas. Arreliamo-nos nas redes sociais, é verdade. Denunciamos alguma raiva contida por meio do riso, que disfarçamos habilmente com a máscara oferecida pelos emojis. Qualquer que seja o ânimo naquele momento, o seu destino será, certamente, um comentário pitoresco ou uma publicação inusitada. Será mais um dos nossos inseparáveis companheiros.

E, como pode não ser assim, se, mal clicamos no ícone azul do Facebook, somos confrontados – ou, melhor dizendo, somos atacados – com a imponente pergunta: “Em que estás a pensar?” O Instagram não quis ficar atrás na comunhão que sugere, pelo que criou o conceito de “seguidor”, semelhante à designação de “amigo”, adotada pelo Facebook.

Porque quererá alguém alcançar um número exorbitante de seguidores? Em qualquer contexto que se distancie da tela de um computador ou do ecrã de um telemóvel, este cenário seria deveras assustador – 1458 (per)seguidores, imagine-se! O desejo de disputar tanta atenção estará relacionado com bajulação, em vez de comunhão?

Os pontapés dados por baixo da mesa, que agora surgem como publicações provocadoras nas redes sociais, justificam os palavrões sussurrados e desmentidos, agora substituídos (ou complementados) por violentas discussões em grupos criados para esse propósito. Podemos chamar-lhes guerras pueris ou trocas de opiniões fundamentadas. Porém, num registo infantil ou de carácter profundamente filosófico, essas discussões são partilha. Partilha de emoções, de ideias, de asneiras, de apreciações críticas, de pensamentos atípicos, “do que quisermos e bem nos apetecer”. E isto não pode ser solidão.

Talvez devêssemos reconsiderar a designação de amigo, que, agora, parece ser mais abrangente. Amigos já não são apenas aquelas três ou quatro pessoas que, divertidamente, chateamos reciprocamente até à medula – se é que alguma vez foram apenas essas. Agora, os visados são os melhores amigos – os chamados “BFF’s”, na sigla inglesa. A necessidade de criar diferentes patamares para catalogar os amigos, como que diferentes níveis para classificar o grau de amizade, parece derivar, em parte, das redes sociais. A sua excitante e reconfortante vibração, ao aproximar todos de todos e todos de tudo, obrigou a que fosse feita esta distinção.

Há algo de libertador em participar numa rede social: deambular pelos antros de uma comunidade virtual e trocar confidências mais ou menos esotéricas. E, por vezes, é nas redes sociais que mostramos o que verdadeiramente somos. Apesar de não sabermos bem onde fica, acreditamos e esforçamo-nos por acreditar que esse sítio está tão longe de casa, da rua, da escola, do trabalho – do real – que nos permite falar aberta e honestamente. Tal como, não há muito tempo, bastava olhar pela janela e observar os transeuntes para nos sentirmos acompanhados, agora, é a participação em redes sociais que nos tira de cima o peso da solidão.

Como é possível sentirmo-nos tão confortáveis, tão à vontade, tão integrados neste ambiente?

Estamos de tal forma familiarizados com as redes sociais, que não nos impressionamos com questões como esta.

Ao tentar interpretar este fenómeno, dir-se-á que tudo aquilo que parece ter pouco interesse é, na verdade, um filme que explode num ecrã preto e que nos oferece a oportunidade de ser mais do que meros espetadores. Passivamente, quase escondidos, ligamos o Twitter, o Instagram ou o Snapchat e, subitamente, resolvemos avançar. Com um clique, passamos de espetadores a atores – da passividade à atividade. Vemos pedaços de nós mesmos a desfilar na tela iluminada de um qualquer gadget.

As redes sociais estão a fazer florescer uma nova forma de relacionamento que, por motivos como medo ou desconhecimento das consequências do que parece ser ainda um embrião na nossa sociedade, associamos à solidão. Esta necessidade de nos agarrarmos a lugares comuns, a aprendizagens já adquiridas, a noções consagradas – como o conceito de solidão – constitui um travão para o desenvolvimento de um novo sistema social, um sistema de geometria variável como o das redes sociais virtuais.

## **2.2. Redes Sociais como força fomentadora da solidão**

Estaremos sozinhos no meio de uma multidão de “amigos virtuais”?

Lançada a 4 de fevereiro de 2004, uma das mais conhecidas redes sociais a nível mundial, o Facebook, opõe-se veemente à possibilidade de alguém ter mais de cinco mil amigos. Para um melhor aproveitamento da plataforma, a rede social deixou bem clara aos seus utilizadores a definição de “amigo”, pelo que criou um limite de amigos.

Com este limite, o Facebook certifica-se de que os seus participantes permitem o acesso à sua página pessoal exclusivamente a verdadeiros amigos. Sendo que esta restrição aceita um dos mais altos números de amizades que qualquer pessoa, razoavelmente, poderia ter, a quantidade de críticas que continuam a ser dirigidas a tal constrição parece dúbia.

Esta medida levanta uma outra questão – o que faz do homem um ser sociável? E, claro está, o que faz do homem um ser isolado? As redes sociais não vieram enevoar a visão que temos deste assunto. Na verdade, penso que vieram desnudar os conceitos de comunicação e solidão de tal forma que, hoje, podemos afirmar que se considera sociável, não aquele que se rodeia de muita gente, mas aquele que rodeia muita gente.

É de realçar o facto de que, em qualquer uma das situações, não estamos sós. Não ficamos sós *porque* usamos as redes sociais. Podemos, sim, sentir-nos sós *ao* usá-las. A diferença entre estar e sentir deve ser estabelecida, pois parece insensato pensar que, numa plataforma de partilha e conexão interpessoal mundial, estamos sozinhos. É precisamente a circunstância de não estarmos que pode levar a que nos sintamos sós, num sentimento de “não identificação”.

Se ficamos sós ao usar as redes sociais, é porque nos unimos e tornamos um só. Se ficamos sós, é porque as diferenças se dissolvem enquanto encontramos alívio nos contrastes.

Geralmente, quem tem uma perspetiva mais negativa quanto ao efeito das redes sociais no lado humano das relações faz questão de sublinhar o silêncio que domina grupos de adolescentes agarrados aos seus smartphones, presos no seu “pequeno” mundo e, aparentemente, tão sozinhos e alheados dos que os rodeia fisicamente. O que as pessoas não têm em consideração quando referem esse surpreendente silêncio é o inaudível ímpeto do seu ruído. Embora não me considere uma vítima do ciberfanatismo, já reparei neste curioso silêncio das redes sociais. Não é o silêncio da solidão. Pelo contrário. É um silêncio cheio de sons.

Silêncio é um conceito polissémico. Segundo o dicionário, é a “ausência total ou relativa de sons audíveis”. No entanto, esta definição não se aplica a um mundo que apela a todo o instante a ser ouvido e partilhado. Um mundo que, para Wittgenstein, é a “totalidade dos factos, não das coisas”<sup>13</sup>. Factos que nos interpelam e motivam a nossa linguagem, que, por sua vez, vai determinar a conceção que fazemos da realidade. Não devemos associar o Facebook a este vazio de barulho ou o LinkedIn à inexistência de ruído. Haverá quem ouse afirmar que, na gritaria do Twitter, os adolescentes estão todos calados, reféns da força maléfica das redes sociais?

Só há silêncio se não nos conseguirmos ouvir a nós próprios, se não pensarmos em nós e em tudo o que nos vier à cabeça. O silêncio das redes sociais é a algazarra característica desse ambiente virtual; é inexplicável, embora justificável – existe porque é abstrato e isso permite-nos fazer dele tudo o que quisermos que seja. Esse silêncio é a infinidade de possibilidades que as redes sociais oferecem à nossa imaginação e a imensidão de caminhos por onde podemos conduzi-la. É um barulho difícil de qualificar. Um silêncio ensurdecador que não nos deixa estar sozinhos, mesmo quando queremos. Frequentemente, disfarça-se de tristeza e leva-nos a interagir, mascara-se de espanto e obriga-nos a questionar.

E, depois de considerar tantos significados e de enumerar tantas descrições, resta concluir que este silêncio, sinfónico e moderno, é um som, um som incomparável, um som único, um som diferente de todos os outros e um som que só se encontra se estivermos em silêncio.

Todavia, na era atual da "pós-verdade" e dos “factoides”, existe uma tendência para acedermos, exclusivamente, a versões da informação com as quais nos identificamos mais. Assim, somos privados da diversidade de pontos de vista que deve contribuir para a formação de uma mente aberta e tolerante. Neste caso, não se trata da solidão como ausência de companhia ou de pertença, mas como resultado do fechamento ao outro.

### **2.3. Redes Sociais: causalidade e finalidade**

«O coração humano recusa-se a acreditar num universo sem uma finalidade.», Kant.

Estar em contacto com o que os amigos e a família fazem é a principal razão para o uso das redes sociais. Foi esta a opção selecionada por 55% dos participantes de um estudo<sup>14</sup> do Global Web Index, em 2014, com internautas de 16 a 64 anos. O segundo maior impulsionador do uso de plataformas virtuais parece ser a vontade de estar atualizado em relação a notícias e eventos. Das dez opções oferecidas, a menos escolhida foi "para partilhar detalhes do que faço no meu dia a dia", assim como “para conhecer novas pessoas”. O estudo mostra que os utilizadores das redes sociais têm vindo a adotar uma postura passiva. Muitos veem as plataformas como fonte de conteúdo e ignoram a contribuição ativa que se espera que ofereçam à rede.

A pergunta-chave deste ensaio dá a entender que o uso das redes sociais e a solidão se unem através de um agente que estabelece uma conexão causal. À causa é atribuída a responsabilidade da existência do efeito, pelo que o efeito depende da causa. A pergunta remete ainda para a ideia de que o efeito deriva de uma única causa. Sendo assim, a utilização das redes sociais seria a causa exclusiva de ficarmos sós, ou o facto de ficarmos sós seria, por si só, a causa de usarmos as redes sociais.

---

<sup>13</sup> Wittgenstein, Ludwig, *Tractatus Logico-Philosophicus*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, 1.1, p 29

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.globalwebindex.net/blog/top-10-reasons-for-using-social-media>

No entanto, neste caso, talvez deva ser considerado, antes ainda da questão da causalidade, o conceito de finalidade. Embora o título do ensaio remeta para o “porquê” de usarmos plataformas virtuais para comunicar, poderá também ser interessante refletir sobre o “para quê” de as usarmos. E usamo-las para responder a todo o tipo de anseios.

Usamo-las para nos sentirmos seguros e poderosos. Usamo-las para o encontro e para a partilha, para a inovação e para a conjugação dos nossos diferentes mundos – economia, ciência, literatura, arte, entretenimento, geografia, entre outros.

Os ignorantes podem usá-las para se cruzarem com eruditos. Nenhum deles domina o outro. Cada um oferece o que pode e tem para oferecer, porque é isso que a plataforma promove e é isso que ela permite. Usamos as redes sociais para nos tornarmos cosmopolitas. Para irradiarmos conhecimento ou apenas para acedermos a informação. Para atrairmos pessoas e para sermos atraídos por pessoas. Para testarmos novas correntes literárias. Para podermos participar na democracia, na economia, na ciência. É este o encontro que as redes sociais viabilizam. Não são elas que desincentivam a partilha e a comunicação. Não são elas que promovem a solidão.

Em filosofia, discute-se a possibilidade de existir uma relação causal entre o motivo ou a intenção e a respetiva ação, bem como a questão de uma delas ser a causa e a outra o efeito. À partida, parece fácil conceber a intenção como causa da ação, que seria o resultado pretendido, o efeito. No disjuntivo “usamos as redes sociais porque ficamos sós”, ficarmos sós é a causa de usarmos as redes sociais. Já no disjuntivo “ficamos sós porque usamos as redes sociais”, usarmos as redes sociais é a causa de ficarmos sós. Esta inversão confunde-nos e confronta-nos com uma falsa situação que parece não respeitar a noção de causalidade. Todavia, tal não é o caso, dado que se trata de duas perguntas independentes uma da outra.

E agora, a causalidade: usamo-las porque são o meio que encontramos para alcançar tudo o que foi enumerado. Para atingir um fim.

Usamos as redes sociais porque são pontos de encontro. Porque são escalas de desvarios, como o são as cidades. Porque são motores de informação, de produção e de progresso. Porque são uma fonte de informação utilitária e da própria consciência de pertença a um espaço físico. Porque são uma comunidade precisa. Porque são centros naturais de edição, são os novos jornais, os novos livros. Porque, atualmente, são o centro mais acessível de informação. Não as usamos porque “ficamos sós”. E, muito menos, apenas por essa razão.

Em tempos, acreditou-se que o telefone iria prejudicar a cidade. Contudo, o que aconteceu, tal como o que acontece hoje com as redes sociais e com todas as novas tecnologias de comunicação que surgem, foi o aparecimento da possibilidade de nos relacionarmos de uma forma mais frequente: maior facilidade, mais tempo de contacto.

A marcha da humanidade tende, cada vez mais, a orientar-se para esta procura de contacto fácil e frequente. E são as redes sociais que nos empurram para a criação de um mundo mais conectado. São fundamentais, porque não há partilha nem comunicação sem elos de contacto.

## 2.4. Falso dilema

Através dos dados recolhidos e da informação coligida nos capítulos anteriores, podemos considerar redutor limitar a questão principal deste ensaio a duas opções: a de que ficamos sós porque usamos as redes sociais; a de que usamos as redes sociais porque ficamos sós. Esta restrição não colocará aquele a quem seja dirigida a pergunta perante um padrão atípico de argumentação informal?

Analisemos a pergunta central, que pode ser dividida em duas – “ficamos sós porque usamos as redes sociais?”; “usamos as redes sociais porque ficamos sós?” –, do ponto de vista da lógica proposicional. Sejam as proposições: P – “ficamos sós”; Q – “usamos as redes sociais”.

Desta forma, o dilema traduzir-se-ia, em linguagem simbólica, em “ $(P \rightarrow Q) \vee (Q \rightarrow P)$ ”. Ou seja, estaríamos perante a disjunção de duas condicionais, o que, por se tratar de uma tautologia, não serve uma linha de argumentação inequívoca. “ $(P \rightarrow Q) \vee (Q \rightarrow P)$ ” é verdadeira em todas as circunstâncias: para o primeiro disjuncto ser falso, P teria de ser verdadeiro e Q falso; contudo, nesse caso, o segundo disjuncto seria verdadeiro (e vice-versa). Logo, nunca se verifica a condição de falsidade da disjunção: a falsidade dos dois disjunctos.

Para além de inconclusiva, esta tautologia é contraintuitiva, pois sentimos que as duas condicionais podem ser, simultaneamente, falsas – podemos ficar sós sem usar as redes sociais e usá-las sem que fiquemos sós. Este caso ilustra as dificuldades que a implicação levanta e que levaram alguns lógicos a não considerar o condicional como um operador verofuncional.

Embora não sejam equivalentes do ponto de vista da lógica formal (a partícula “porque” não é um operador lógico), interpretamos a expressão “ficamos sós porque usamos as redes sociais” como “se usamos as redes sociais, então ficamos sós” e “usamos as redes sociais porque ficamos sós” como “se ficamos sós, então usamos as redes sociais”.

Porém, deve ser estabelecida a diferença entre *causa* e *condição*. O acesso a água potável é *condição* para a existência de vida, mas não é *causa*. Da mesma forma, usar as redes sociais é *condição* para ficarmos sós, mas não é *causa*. E ficarmos sós é *condição* para usarmos as redes sociais, mas também não é *causa*. Assim, tem-se que: “se P então Q  $\neq$  Q porque P”.

Daqui se conclui que a melhor estratégia será considerar o dilema apenas na perspetiva da argumentação informal. De facto, esta abordagem denuncia dois tipos de falácias: um falso dilema, na disjunção; um caso de falsa causa, em cada um dos disjunctos (as condicionais).

Não haverá outras alternativas que justifiquem o uso de redes sociais? E não haverá outros motivos para nos sentirmos sós? Se sim, estamos a ignorar opções que deveríamos ter em consideração. Nesse caso, podemos estar a cometer um erro de raciocínio frequente e particularmente enganoso: a falácia do falso dilema (ou ignorância das alternativas).

Não seria mais razoável admitir que usamos as redes sociais não *porque* estamos sós, mas *para* não ficarmos sós? Insistir em limitar a duas opções a resposta a esta pergunta parece resultar numa situação injusta para o interlocutor. Já que as proposições que compõem o dilema podem ser ambas falsas, devem ser admitidas alternativas excluídas na formulação do problema.

Uma outra falácia implícita no dilema é a da falsa causa (*post hoc ergo propter hoc*). Podemos sentir-nos sós e usar as redes sociais, mas isso não significa que uma ocorra *porque* a outra ocorre. Pode não existir uma relação de causalidade entre ambas, mas uma mera relação de casualidade. É perfeitamente possível – e até fácil – encontrar utilizadores de redes sociais que sejam pessoas extremamente sociáveis; e, com a mesma facilidade, podemos encontrar cibernautas que utilizem as redes sociais sem se isolarem ou privarem da interação social real.

Neste sentido, o dilema está orientado para a procura de uma tendência, uma propensão que permita estabelecer uma relação de probabilidade entre o uso de redes sociais e a solidão. Este problema deve ser abordado, portanto, na perspetiva da argumentação informal, à luz de um raciocínio indutivo, e não numa perspetiva dedutiva, como se fosse uma fórmula.

## **Conclusão**

Chegámos a um ponto em que a eventualidade de um retrocesso da tecnologia não é tida sequer em consideração. Forçar as redes sociais a ser a causa ou o efeito da solidão, também parece ser uma hipótese a rejeitar, como se defendeu neste ensaio.

As redes sociais poderão ser vistas como uma das invenções humanas que melhor exprime o espírito filosófico presente em cada um de nós. Assim, se a pergunta é “Ficamos sós porque usamos as redes sociais ou usamos as redes sociais porque ficamos sós?”, a resposta será “Necessariamente – nem um, nem outro.”. Trata-se de um falso dilema, uma vez que estamos a ignorar alternativas perfeitamente passíveis de ser consideradas: podemos ficar sós por várias razões; podemos usar as redes sociais por várias razões.

Nesta perspetiva, o tipo de considerações que se colocam remete para uma investigação de natureza sociológica e deveria ter em conta indicadores estatísticos, educativos, etc. Na ausência desta informação, qualquer conclusão poderá ser vista como uma especulação precipitada que não traduz uma tendência generalizada. Assim, a não ser que sejamos capazes de apontar a razão que leva uma situação a provocar a outra, numa correlação estatística significativa, devemos evitar tirar ilações que apenas reflitam a nossa resistência estereotipada à mudança social e o nosso desconforto face a novas formas de viver, criar e comunicar.

Perante este problema, resta concluir que é para a reestruturação do cenário social da vida humana que devemos trabalhar, refletindo sobre as implicações éticas e filosóficas de uma rede social mais flexível, que parece ter vindo a surgir sob a forma de redes sociais virtuais.

## Referências Bibliográficas

ARDEN, Paul – *Tudo o que pensar, pense ao contrário*. Lisboa: Clube do Autor, 2015.

AUGÉ, Marc - *Não Lugares*. Bertrand, 1994. pp 49, 61, 87, 121.

BAUDRILLARD, Jean – *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio de Água, 1991.

CHARBONNEAU, Bernard – *O Jardim da Babilónia, os campos, as cidades, as regiões o sentimento da natureza na cidade moderna*. Afrontamento, 1990.

GLEICK, James – *Cada vez mais rápido*. 1ª ed. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

GRONDIN, Jean – *Introdução à hermenêutica filosófica*. Unisinos, 1999 (Coleção Focus). p. 160.

MEDEIROS, Emanuel Oliveira – Partilhas de Solidão: ausência, presença e convivência. In *A Solidão nos Limiares da Pessoa e da Solidariedade*. Porto: Edições Afrontamento, 2012. Capítulo 9, p. 93-103.

MERLEAU-PONTY, Maurice – *Elogio da Filosofia* (1953). Guimarães, 1993. p. 9-11.

PEPLAU, Letitia; PERLMAN, Daniel – *Loneliness: A Sourcebook on Current Research, Research and Therapy*. 1982

ROSENAU, James N. – *As pessoas contam! Indivíduos em rede numa sociedade global*. – Lisboa: Edições Pedagogo, 2010.

SANSOT, Pierre – *Ritualisation de l'espace urbain et de la vie quotidienne à travers le concept d'appropriation*, in Atas do Colóquio de Montpellier «Vie Quotidienne en Milieu Urbain». Paris: Centre de Recherche d'Urbanisme, 1980. p. 510.

WITTGENSTEIN, Ludwig – *Tractatus Logico-Philosophicus*. 1.1. Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. p. 29.